

JORNAL RELIGIOSO, POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS E SEXTAS.

Redactor e editor responsavel — O Bacharel ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO.

Assignatura para a cidade — Anno 400 rs. — Semestre 240 rs. — Para as provincias — Anno 800 rs. — Semestre 480 rs. — Folha avulsa 5 rs. — Annuncios 25 rs. por linha — repetição 20 rs.

TERÇA FEIRA 19 DE SETEMBRO

BRAGA 18 DE SETEMBRO

Segundo as declarações feitas pelo ministerio em ambas as casas do parlamento, devemos esperar grandes reformas em todos os ramos do serviço publico.

Não podemos dizer que o ministerio fosse bem recebido; porém também não achamos motivo para dizer o contrario. Os avilistas e constituintes deram o seu apoio ao governo e naturalmente continuarão a dar-lho emquanto não acharem ensejo de poder-o derribar para o substituir.

O partido de janeiro e os historicos são opposição declarada, e pela posição que tomarem poderão embaraçar o governo e talvez promover uma nova crise.

Em vista d'isto não julgamos a nova situação com maioria segura para poder entrar a governar desassombradamente. E n'este caso ou o governo tem de dissolver a camara, ou se verá nos mesmos embaraços que os governos transactos, continuando a viver uma vida emprestada e com a qual não poderá fazer cousa alguma.

Bem sabemos que a actual situação não se sujeitará a uma posição tão critica e desgraçada, e antes preferirá deixar o poder; porém o paiz não pôde nem deve estar em crise continuada.

O governo actual sempre que tem occupado as cadeiras do ministerio tem dado provas que tem idéas suas e que sabe sustental-as com coragem e energia; porém isso mesmo será actualmente motivo sufficiente para que os novos ministros tenham bem depressa de abandonar o poder.

A fraqueza e ineptia dos ultimos governos tem tornado difficilimo senão impossivel a arte de governar. Isto não se remedeia de prompto e até talvez leve muitos annos a sanar.

No entretanto nós reconhecemos no actual gabinete bastante intelligencia e coragem para emprehender tão ardua como difficil tarefa; porém não acreditamos que a ambição das diversas fracções partidarias deixem realisar o pensamento do governo.

Não ha crenças, não ha politica, ha interesses mesquinhos e sordidos.

Não questionam as idéas, os systemas, mas sim o poder, o mando e a influencia. Eis aqui em poucas palavras a que estão reduzidos os nossos politicos e a nossa politica.

Os que hontem quasi divenisavam o sr. marquez d'Avila, chamam-lhe hoje incapaz, inepto e imbecil, e para prova d'isto citaremos o *Bracarense* no seu artigo do fundo de 16 do corrente.

Não creia porém o ministerio actual que o *Bracarense* o tratará melhor, quando deixar o poder ou lhe não satisfizer alguma exigencia; porque é já velho e não aprende caminho.

Não é só o *Bracarense* que adora o sol que nasce; ha por esse mundo politico muita gente da mesma eschola, e é essa que hade, na primeira occasião, voltar as costas aos novos ministros, quando os vir nos seus ultimos momentos.

A nossa opinião era que o ministerio actual, embora se não podesse conservar no poder, inaugurasse uma nova epoca na politica, afastando de si todos aquelles que são sempre servos do poder, e d'este modo moralisava esses especuladores que não saberiam mostrar a sua importancia quando estivessem na opposição.

Não podemos também concordar com a doutrina de conservar as auctoridades de confiança do governo cahido; porque ellas não podem nem devem merecer a do novo gabinete.

Tal politica tira a força aos governos e demoralisa aquelles que ainda conservam algum pondunor politico.

Bem sabemos que a situação tem de lutar com graves difficuldades n'esse sentido; porém parece-nos vantajoso ou ao menos moral o caminho que indicamos.

Se o governo senão poder conservar procurando apoiar-se nos seus leaes e sinceros amigos, fique certo de uma queda rapida e inesperada, e promovida pelos incensadores da vespora.

Ahi temos os regeneradores no poder.

A lei de meios foi apresentada na camara e é

de crer que seja approvada. Os historicos fazem negações, mas comtudo não haverá novidade, cremos nós.

Depois d'isto teremos a adiação das camaras. Esta solução não é nova para ninguem; porque todos esperavam este desfecho.

Bom será que o governo não siga as pégadas do ministerio transacto, para vêr se, d'alguma maneira, melhora-mos um pouco. O partido regenerador conta no seu gremio homens notaveis pelo seu talento politico, e por consequencia a nação espera com anciedade os seus beneficios.

É verdade que o governo está mui desacreditado perante a opinião publica; mas como tudo n'este mundo é susceptivel de regeneração, ficamos na espectiva até poder-mos julgar melhor.

Se o ministerio tratar seriamente dos interesses do paiz, se não descer a tranzigir com abusos vergonhosos, se, arrependido do modo como se houve ha tres annos, tratar de adquirir a confiança do paiz, se, emfim, nos fizer esquecer a ineptia e incapacidade do sn. de Bolama, nós não poremos duvida nenhuma em o apoiar e defender com os nossos fracos e humildes recursos.

Apresente o ministerio uma politica sua, mas defendida, não se deixe attrahir pelo egoismo e a ambição, que tem levado o pobre Portugal aos beiraes da sepultura, e verá se não consegue o que outros não puderam conseguir nunca.

Se não fôr este o seu programma sincero, se não trilhar o caminho que lhe apontamos, desde já lhe fazemos o necrologio asseverando-lhe que o espera a mesma sorte do ministerio d'hontem.

Aguardamos imparcialmente os actos do ministerio, para depois expor-mos a nossa opinião franca e severa, e não mordaz e facciosa.

* * *

OS REPUBLICANOS.

Conheceil-os? Fallam-vos da *liberdade, equaldade e fraternidade*.

Conheceil-os? Dizem-vos que o Filho de Deus murmurou estas sanctas palavras: *liberdade, equaldade, e fraternidade*.

O que é o rei? Elles que vol-o digam.

O rei é a treva: logo o rei é a barreira do progresso.

Nada mais nobre, mais sancto e mais logico.

O governo republicano é o unico possivel, o unico que póde dar aos povos da terra a felicidade a que elles aspiram.

O governo republicano firma o seu pedestal modesto em tradições honrosas, em principios nobres e sanctos.

O governo republicano é o unico que não transige com abusos, porque sabe que são estes os esbanjadores do povo e ruina das nações.

Quem resistirá a laes palavrinhas?

Que bello governo! Que pureza de principios! Que desinteresse! Que honra! Que costumes!

Sabeis que basta um sópro para desfazer esses globos de sabão que servem de entretenimento às creanças? Pois os republicanos, salvo honrosas excepções, desfazera-se com pouco mais d'um sópro.

Para os fazer moderar a sua linguagem, basta uma commenda. Para os fazer monarchistas, um baronato.

Para os tornar inimigos accerrimos do governo republicano, uma coroa de visconde.

E aqui tendes os republicanos, os defensores denodados do governo angelico.

Republicanos nas columnas d'um jornal, deixam de o ser quando vos dão as costas com medo que lhe estendeis a mão, que elle vos não querem apertar para salvar a *fraternidade*.

Quando desejam alcançar algum emprego rendoso, chamam-vos para assistirdes a uma reunião *fraternal*, e depois de vos mostrarem que o governo monarchico é uma anomalia, um algoz dos povos, que os mesmos povos devem aniquillar, retiram-se para casa quasi convencidos de lá encontrar o despacho para este ou aquelle logar.

E são assim os republicanos!

Ha excepções é verdade, ha homens em todos os partidos que não se curvam ante honras fallazes, ante promessas douradas; mas esses são raros, não vos apparecem pelas praças e logares publicos a apregoarem doutrinas corrosivas, não vos aconsellham a odiardes o rei que a vossa propria vontade elegu.

Os republicanos são como os boticarios, teem remedios para todas as doenças.

Uns aconsellham-vos a desprezardes o monarcha; outros a depol-o e a condemnal-o á guilhotina; aquelles a depol-o somente para depois fazer-se d'elle um bom republicano.

Que dizeis a isto?

Que tal achaes os missionarios da *ideia*?

Bons e excellentes oradores, optimos e soberbos escriptores, não é verdade?

Pois bem, encarae-os sempre por esta face, não vos deixeis dominar pelas suas ideias e os republicanos desenganar-se-hão.

* * *

CORRESPONDENCIAS.

Em virtude de não me ter chegado á mão se não agora a carta que me dirigiu o exm.º sr. Adriano Carneiro de Sampaio, é o motivo porque até hoje se não publicou a rectificação que teve a bondade de me enviar.

Ferro.

Snr. redactor.

Preciso rectificar a local, sob a epigraphie, a voz da *Consciencia*, vem publicada no jornal—O Ar-

tista — 2.º e 3.º, e que, creio, se refere a mim e ao sr. governador civil d'este Districto, relatando uma conversa, que entre nós se dera.

A informação que presidiu áquella local foi menos exacta. Eis o que se passou:

Procurando o snr. governador civil logo depois da eleição — veio de molde o fallar-se na de Vila Nova de Famalicão — que apreciei — como dizia; e stigmatizei a guerra violenta, que se me tinha feito, concluindo por dizer, que, não obstante tudo isso, eu não estava de mal com o sr. governador civil pois que o considerava irresponsavel no acto da eleição referida, reputando-o verdadeiramente coacto pela gente, que o cercava, e que só d'este modo eu podia explicar o seu procedimento para comigo, pondo de parte as nossas antigas relações de amizade, e desattendendo ás repetidas iudicações do nobre ministro do Reino, para que como auctoridade não interferisse n'esta eleição.

A isto, que só amigavelmente foi dito, respondeu o sr. governador civil, que não era exacto o meu juizo, e que o seu procedimento fôra filho do compromisso da sua palavra a favor do outro candidato.

É isto e só isto a verdade do que se passou. E para que a verdade se restabeleça, eu peço a inserção d'estas linhas no mesmo jornal, pelo que se confessará agradecido o

De v. am.º e venerador

Almodar 30 de
Julho de 1871.

Adriano Carneiro Sampaio.

VARIÉDADES.

Meu A. . .

Lá vae a terceira cartinha sem esperanças de resposta, nem desejosa, tão pouco, de a obter.

Como tu passas por essa terrinha estúpida não quero eu saber.

Se por alguma tarde amena e fresca, quando o astro rei estiver a sumir-se na fimbria assetinada do horizonte, fores deitar-te por sobre a praia arenosa, lembra-te de mim.

Quando a vaga alterosa bater d'encontro ás rochas graniteas da praia, quando o vento levantar a areia e te pregar, sem cerimonia, com ella na cara, lembra-te de Job e de mim.

Quando algum mocho esvoaçar por cima da tua cabeça e seguir, desfeito em lugubres pios, caminho do cemiterio, lembra-te dos poetas e de mim.

Quando sentires o somno (os amigos da sensual mythologia dizem Morpheu) dominar-te a cabeça, lembra-te dos romances *phylosophicos* e do meu narcotico.

Quando a chuva cahir em tenues fios por sobre este valle de condecorações, lembra-te dos commen-

dados, barões, viscondes, e do teu amigo que se morde de inveja por não ter estas honrarias.

Nada mais te peço.

Agora as novidades.

Cabiu o ministerio!!!

Não tremas nem impallideças, que não cabiu nenhuma cebôla do Egypto.

Cabiu a inepecia, a incapacidade e nada mais.

Cabiu uma vergonhosa corporação de mentecaptas, que Rilha-folles não pôde accomodar no seu bôjo, e nada mais.

Bom pae, bom filho, bom irmão, bom neto e melhor bisneto, cavalgando a luneta no nariz, sorrio desdenhoso aos prazeres governativos e foi gozar no céu dos famintos o premio das suas acções virtuosas:

E este grito de morte chegando dos Pireneos aos Urals, echoou lugubrememente no cume do Himalaya! . . .

E o tapir e o gibbon da Oceania, ao ouvirem o grito horroroso, escancararam a bocca e ficaram na expectativa.

E o grito repetia-se por todos os angulos e triangulos da terra: — cabiu o ministerio! morreu o snr. Marquez!

E os montes e os valles repetiam tambem em concerto unisono: parabens, parabens á *viuva* . . .

Ora dize-me querido A. . . quem será esta *viuva*, sabes?

Não sabes? Pois sei eu.

A *viuva* é a nação.

A infeliz andava sempre a passeiar com o Marquez, até que um dia, conhecendo a sua infidelidade, mandou-o cavar batatas e ficou á espera de novo e mais fiel esposo.

Ora ahí está como é este mundo! Apparece um homem com todas as condições e predicados necessarios para se fazer d'elle um bom cidadão, e, sem mais tir-te nem guar-te, brada-se-lhe com voz de trovão: retire-se *seu violão* sem cordas.

Achas isto justo? Achas nobreza n'este proceder? Achas? Pois eu não.

E agora que remedio lhe havemos de dar? Carpir em silencio a queda do bom do ministerio?

Teer-lhe uma nenia lagrimosa por sobre o tumulo que o roubou a nossos olhos?

Ou arranjar algumas *carpideiras*, que o cho-rem nas praças publicas?

E o dinheiro? Nada, os afilhados engordados por elle que se encarreguem d'essa tarefa.

Eu tenho pena, lá isso tenho; mas despovoar a algibeira isso não, que é contra os mandamentos da lei de Deus.

Queria acabar esta carta, que já vae longa, mas receio que adoeças com um ponto final tão funebre.

Vou ver se arranjo melhor desfecho para o drama.

Qual hade ser elle? . . .

Ah! . . . casou a *viuva*.

O noivo, segundo dizem, é o Fontes.

A respeito do character do novo marido nada sei.

Uns dizem que é bom, outros que é máu... emfim o que for soará.

A averiguar pelas bodas, a coisa parece um pouco complicada; mas emfim, já disse e repito, o que for soará.

Dispõe do teu amigo.

* * *

NOTICIARIO

Especulador. — O deputado por Braga vendo proxima a queda do ministerio Avila e esperando que brevemente houvesse outra eleição, não quiz perder o ensejo de especular com a classe commercial, apresentando um projecto de lei, que tinha a certeza não seria discutido.

Esqueceu-lhe porém especular igualmente com os frades e freiras e convencionados de Evora-Monte com quem tem sempre especulado. E na verdade perdeu uma boa occasião para continuar a illudir os eleitores; porque os projectos não passariam de palavriado. Desculpe-nos o deputado por Braga a nossa apreciação; pois ella é fundada na doutrina dos seus amigos do *Bracarense!!!*

E se não acredita, veja se do trecho, que do *Bracarense* de 16 do corrente passamos a transcrever, senão conclue que o deputado por Braga foi um especulador com o publico, quando apresentou o seu projecto de lei sobre as licenças, que se pagam ao secretario da camara de Braga.

«Não tem tido ensejo os deputados de apresentar as suas propostas com esperanza de as vêr discutir; e só quem quizesse especular com o publico é que apresentaria projectos, que não podiam por em quanto ser discutidos»

Tambem nos parece que se deve concluir do trecho, que o *Bracarense* tracta de se desfazer do deputado por Braga. Agradeça-lhe o illustre deputado tão boas e puras intenções.

Festividade. — Realisou-se no domingo a festa de N. Senhora do Amparo na igreja da Lapa. Houve missa cantada de manhã, e sermão de tarde.

Foi orador o revd.º joven Constantino d'Almeida, já conhecido do publico pelo seu talento. No sabado houve uma vistosa illuminação, bazar e musica. A concorrência foi regular.

Erratas. — No *Artista*, de 12 do corrente na terceira pagina, columna primeira e terceira linha, onde se lê — *manifestam* — leia-se — *manifestasses*. Na segunda col., linha primeira, onde se lê — *gandolas* — deve lêr-se — *gondolas*.

AGRADECIMENTO.

João Ramos Barros Pereira e seu filho Sebastião Ramos Barros Pereira, em extremo penhorados para com todas as pessas da sua amisade que os visitaram e assistiram ao enterro e officio de seu pre-sadissimo filho e irmão Francisco Ramos Barros Pereira, que teve logar no dia 6 do corrente; a todos protestam a sua eterna gratidão. (12)

ANNUNCIOS

QUE EXCELLENTE RAPÉ!

A 40 réis aproximação da onça, em pacotes de 25 gram.; vende-se na rua de S. João n.º 11; em casa de Candido Augusto Martins Pinheiro, com o deposito de tabacos da fabrica a vapor LEALDADE, e vende por atacado com grande abatemento. (15)

LEILÃO DE LIVROS

Nos dias 6, 7 e 8 de Novembro do corrente anno, serão vendidos em leilão, na Bibliotheca Publica de Braga 1:970 vol. in-fol., cujo catalogo impresso póde ser examinado nas principaes livrarias d'esta cidade, e nas de Lisboa, Porto e Coimbra.

Braga 7 de Setembro de 1871.

O bibliothecario

(13) Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu.

VENDA DE CASA

Vende-se uma morada de casas, sita no campo de Santa Anna, com quintal e pôço, tendo os numeros 16, 16 A e 16 B.

Quem a pretender dirija-se á rua de S. Bernabé n.º 8, pois que ahi se dirá com quem se póde tractar. (10)

ALVIÇARAS

Quem achasse um libérté de panno no dia 9 á noute, desde o campo da Vinha á rua dos Capellistas falle com o sr. José Antonio d'Oliveira, nos Chãos de Baixo, n.º 44 que era de um freguez que estava em casa d'elle, e receberá alviçaras quem o entregar ou quem denunciar quem o tem. (14)

BRAGA — TYPOGRAPHIA LEALDADE — 1871

Rua de S. João n.º 2 — C.